



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – ICS
CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANDRÉ LUIZ DO NASCIMENTO PEDROSA

**O CINEMA E A CIÊNCIA POLÍTICA NA ESCOLA: REFLEXÕES
A PARTIR DE PRÁTICAS EXTENSIONISTAS**

MACEIÓ - AL

2024

ANDRÉ LUIZ DO NASCIMENTO PEDROSA

**O CINEMA E A CIÊNCIA POLÍTICA NA ESCOLA: REFLEXÕES
A PARTIR DE PRÁTICAS EXTENSIONISTAS**

Monografia de Conclusão do Curso de Ciências Sociais apresentado à Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Jordânia de Araújo Souza Gaudencio.

MACEIÓ - AL

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

P372c Pedrosa, André Luiz do Nascimento.

O cinema e a ciência política na escola: reflexões a partir de práticas extensionistas
/ André Luiz do Nascimento Pedrosa. – 2025.

39 f.

Orientadora: Jordânia de Araújo Souza Gaudencio.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais- Licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2025.

Bibliografia: f. 37- 39.

1. Cinema. 2. Ciência política. 3. Práticas pedagógicas. 4. Ciências sociais. I. Título.

CDU: 3:791.45

Dedico este trabalho a todos os meus amigos e familiares que me ajudaram a manter essa caminhada, especialmente aos que não puderam ter acesso a Universidade.

AGRADECIMENTOS

À vontade de querer exercer a profissão que quis desde a infância.

À minha orientadora e professora Jordânia de Araújo Souza, pela sua disponibilidade, dedicação, e incrível paciência em me ajudar a chegar até aqui.

Aos meus amigos que acreditaram que iria percorrer este caminho e alcançar meus propósitos, especialmente meus amigos Ewerton Diego de Souza e Hugo Rafael Pereira de Albuquerque, que foram dois dos que mais me incentivaram a não desistir do curso e seguir com os planos, bem como a minha companheira Anieli Ferreira da Silva, pelo suporte que o companheirismo proporciona.

Aos gestores da escola em que realizei o trabalho em questão, que me receberam e me acolheram cordialmente, em especial ao professor Juarez Fernandes da Paz Junior pela paciência e disponibilidade.

Aos estudantes do ensino médio da Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça, por serem muito cordiais em nossos contatos.

E finalmente, serei grato a todos que direta ou indiretamente me ajudaram e me apoiaram para com a realização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre uma experiência de extensão universitária que utilizou o cinema como recurso didático para trabalhar conceitos de Ciência Política com estudantes do ensino médio de uma escola pública de Maceió/AL. Para tal, foi escolhido o curta-metragem “O fim do recreio”, que trata da proposta de acabar com o intervalo escolar, considerado um direito das crianças e um espaço de manifestação artística e cultural. É possível perceber que o filme também faz uma crítica à política conservadora e à indústria cultural que tentam controlar e padronizar o comportamento dos jovens. A partir da exibição e do debate do filme, mediados pelos extensionistas, buscou-se promover uma reflexão sobre o papel do cinema como uma forma de representação e construção da realidade social, que pode causar o estímulo ao pensamento crítico e a participação política dos espectadores. Assim, o cinema é visto como uma mediação histórica e uma possibilidade de conhecimento. Além disso, o trabalho descreve as atividades realizadas nas escolas destacando o interesse, a curiosidade e o envolvimento dos alunos com o tema, que expressaram suas próprias vivências e opiniões. O trabalho também apresenta uma reflexão crítica sobre as funções que o cinema cumpre na sociedade bem como sua utilização como uma ferramenta pedagógica poderosa que pode estimular o interesse, a criticidade e a criatividade dos estudantes, além de possibilitar a conexão entre a teoria e a prática das Ciências Sociais, aqui em específico, da Ciência Política. Esse trabalho é fruto da experiência com o componente curricular de Extensão em Ciência Política na Universidade Federal de Alagoas e, sobretudo, reflete sobre as dificuldades, os desafios e as contribuições da prática extensionista para a formação dos discentes e a aproximação entre a universidade e a escola.

Palavras-chave: Cinema; Ciência Política; Ferramenta didática; Extensão.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on a university extension experience that used cinema as a didactic resource to work on Political Science concepts with high school students from a public school in Maceió/AL. For this purpose, the short film “O fim do recreio” (The end of recess) was chosen, which deals with the proposal to end school recess, considered a right of children and a space for artistic and cultural manifestation. The film also criticizes conservative politics and the culture industry, which try to control and standardize young people's behaviour. Through the screening and discussion of the film, mediated by the extension workers, the aim was to promote reflection on the role of cinema as a form of representation and construction of social reality, which can stimulate critical thinking and the political participation of viewers. In this way, cinema is seen as historical mediation and a possibility for knowledge. The work also describes the activities carried out in the schools, highlighting the interest, curiosity and involvement of the students in the subject, who expressed their own experiences and opinions. The work also presents a critical reflection on the functions that cinema fulfills in society, as well as its use as a powerful pedagogical tool that can stimulate students' interest, criticality and creativity, as well as making it possible to connect the theory and practice of the Social Sciences, specifically Political Science. This work is the result of the experience with the Political Science Extension course at the Federal University of Alagoas and, above all, reflects on the difficulties, challenges and contributions of extension practice to the training of students and the rapprochement between university and school.

Keywords: Cinema; Political Science; Teaching tool; Extension.

ABREVIATURAS

ACE: Práticas de Extensão em Ciências Sociais

GEE: Gerência de Ensino

ICS: Instituto de Ciências Sociais

RA07: Região Administrativa 07

SSP: Secretaria de Segurança Pública

T1: Turma 1

T2 : Turma 2

T3: Turma 3

UFAL: Universidade Federal de Alagoas

EJA: Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O FILME ESCOLHIDO E AS CONEXÕES COM A VIDA	11
2.1 - ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INDÚSTRIA CULTURAL E O CINEMA	16
2.2 - O CINEMA EM DUAS PARTES: DISPUTA IDEOLÓGICA E FERRAMENTA PEDAGÓGICA	21
3. A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA	27
4. CONCLUSÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A EXTENSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1 - INTRODUÇÃO

A presente reflexão é resultado de atividades desenvolvidas a partir do componente curricular de Práticas de Extensão II, ofertada pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As práticas, inseridas como atividades curriculares de extensão, são um componente obrigatório para todos os discentes matriculados no curso, as mesmas envolvem a aplicação de conhecimentos teóricos e metodológicos e devem ser desenvolvidas nos campos da Sociologia, Antropologia e Ciência Política, proporcionando aos discentes uma experiência prática que complementa e aprofunda o aprendizado obtido em sala de aula. O componente curricular denominado de ACE II (Práticas de Extensão em Ciências Sociais), ministrado por um dos professores de Ciência Política do ICS durante o semestre acadêmico de 2023.1, deu continuidade a um projeto que visa conectar questões políticas ao ambiente escolar através do uso do cinema como uma ferramenta pedagógica. A proposta dessa Prática de Extensão é preparar os estudantes de graduação para atuarem como professores fora do ambiente universitário levando conhecimento de forma “não-ortodoxa”, ou seja, diferente daquela forma tradicional de aula, com o professor tomando o protagonismo para si, e ao mesmo tempo, incorporando saberes contextuais, políticos e do universo dos adolescentes, auxiliando inclusive em uma compreensão melhor desse universo e das demandas dos mesmos.

O objetivo principal desse trabalho é integrar os pilares de ensino, pesquisa e extensão em uma unidade textual que promova a reflexão sobre práticas pedagógicas, novos recursos didáticos e a recepção desses recursos pelos jovens estudantes. Além disso, pretende-se contribuir para que o próprio processo de extensão e a aplicação de conteúdos da Ciência Política nas escolas se tornem relevantes diante das novas dinâmicas de ensino trazida pelo então “Novo Ensino Médio”. Nesse contexto, é importante considerar que a prática foi norteadada também pela seguinte questão: de que maneira conceitos da Ciência Política podem ser introduzidos nas escolas através do cinema?

Utilizamos o filme “O Fim do Recreio” como ponto de partida, que aborda a interrupção do lazer para crianças em idade escolar. Este filme, longe de ser autoexplicativo, se mostra de duas maneiras coexistentes, tanto como metalinguagem, onde a arte é descrita pela arte, *película registra película*, e o desenvolver da trama cinematográfica que faz uso de si mesma para contar os fatos, assim como uma metáfora para um tema fundamental na democracia moderna e nos estudos de Ciência Política: a noção de direitos humanos e a compreensão desses direitos como algo que vai além das questões materiais.

O desenvolvimento da ação se deu em uma escola localizada em Maceió/ AL. A Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça não é uma das mais antigas da cidade, tem menos de 30 anos e fica na Cidade Universitária, precisamente no bairro Eustáquio Gomes, conhecida como RA07- “Região administrativa 07” (Mapa de Maceió, SEFAZ- Secretaria Municipal da Fazenda), ela está localizada em um bairro periférico no meio do principal polo comercial do bairro; e atende principalmente os jovens do Eustáquio Gomes, mas também jovens do Gama Lins, principalmente do Otacílio Holanda. Nela os alunos são organizados da seguinte forma: o ensino fundamental é trabalhado pela manhã e as turmas do 9º ano e ensino médio são pela tarde, tendo em vista a grande quantidade de alunos, no ensino médio, por exemplo, são onze turmas, com uma média de 40 alunos por sala. A maioria dos estudantes, segundo dados do portal QEdú (que reúne dados oficiais do governo federal sobre educação básica no Brasil), são filhos de pais que não tiveram a oportunidade da formação superior, advindos da classe trabalhadora maceioense, estes jovens convivem no bairro com maior registro de crimes violentos da cidade, segundo números do boletim estatístico da Secretaria Estadual de Segurança Pública (SSP).

No presente texto irei apresentar a descrição das experiências e das reflexões que surgiram em decorrência do impacto da execução da ação, considerando as leituras realizadas ao longo do curso e da disciplina em questão. Este é um estudo qualitativo que não busca estabelecer relações causais definitivas, mas sim um relatório baseado em uma experiência docente, na intenção de contribuir com o acúmulo de experiências, reflexões e novas metodologias para agregar ao processo de extensão.

O texto está organizado em cinco partes além desta introdução. A primeira parte trata da relação com o filme escolhido e suas conexões com a vida, em especial a vida dos estudantes no contexto circunscrito, a segunda que aborda algumas reflexões sobre o cinema e seu caráter pedagógico, uma terceira que trata das relações com a teoria e a prática das Ciências Sociais. A quarta parte apresenta as experiências vivenciadas nas escolas, enquanto a quinta e última parte traz algumas conclusões sobre a prática docente e a Extensão.

2- O FILME ESCOLHIDO E AS CONEXÕES COM A VIDA

"O Fim do Recreio," produzido em 2012, por Parabolé Educação e Cultura, com roteiro de Vinícius Mazzon e Nélio Spréa, tem a duração de 17:26min, e é um curta-metragem que utiliza a alegoria do recreio escolar para explorar questões profundas de liberdade política e

cultural. Através de uma narrativa aparentemente simples, o filme tece uma crítica sofisticada sobre a forma como o espaço de liberdade de expressão pode ser restrito tanto em contextos educativos quanto em esferas mais amplas da vida social.

O curta traz uma história do cotidiano, usando como palco aparente o ambiente escolar e as relações sociais mantidas entre os estudantes, os profissionais da educação e os agentes da política institucional, mais precisamente em torno do momento do recreio, que aparece aqui como objeto principal da história desenrolada em todo o curta. Inclusive esse foi um dos motivos pelo qual foi pensada uma intervenção junto à escola, com estudantes, para refletir com eles a ideia central passada no curta.

No ambiente escolar, o recreio (ou o intervalo) representa um momento de liberdade e descontração para as crianças e os jovens da educação básica, um espaço onde elas podem explorar, interagir e se expressar fora das regras rígidas das atividades curriculares. O encerramento abrupto desse intervalo não é meramente um evento educacional, mas um símbolo da perda de um espaço vital para a criatividade e a autonomia desses jovens; é com isso que o curta-metragem começa com a simples, mas poderosa ideia do fim do recreio em uma escola, ultimato esse que é responsável por uma série de eventos que se desdobram em algumas etapas do curta, onde da sala de sua casa, pela televisão, o jovem Felipe se depara com a narrativa de um caricato parlamentar de alusão à política conservadora¹, (representante de características genéricas, porém familiar), ao tratar de um projeto de lei que pretende acabar com o recreio escolar, e o mesmo se vê diante de um primeiro momento, que é o da indignação imediata frente ao provável término do recreio, e se depara com situações as quais ele discorda; em meio a um sentimento de revolta Felipe percebe que não é o único jovem indignado e diante de uma professora, ele e seus colegas de turma registram, o que de início era só uma série de questionamentos, uma pequena manifestação contra o então projeto de lei. Daí em diante são organizados os movimentos em torno de uma reivindicação maior, iniciada quando Felipe resolveu registrar parte da vivência dos jovens com uma câmera “subtraída” da sala do almoxarifado da escola. E como o próprio Felipe diz, “foi assim, meio sem querer, que a coisa começou”; eram registros de seus colegas sobre as brincadeiras, sobre os jogos no período do recreio, porém, como a ideia do fim do recreio já estava circulando por toda a escola, os jovens decidiram registrar também sua indignação, suas opiniões. Esse foi o ponto inicial da revolta que se viu legitimada pelos representantes escolares e rapidamente tomou proporções maiores,

¹ Me refiro diretamente ao político de longa carreira e economista Fernando Affonso Collor de Mello, que foi o 32º Presidente do Brasil, de 1990 até seu impeachment em 1992.

alcançando as grandes mídias televisivas, inicialmente quando a diretora decide colocar o vídeo no qual os estudantes registraram suas queixas na internet desencadeando um conjunto de reações, com protestos nas escolas e por fim, alcançando o senador que propôs a lei, culminando assim em um último momento, o da mudança de correlação de forças, quando o senador volta atrás na proposta e decide por manter o recreio nas escolas, mudança causada pela pressão estudantil e comoção social.

Mazzon e Spréa (2012) usam o fim do recreio para criar uma metáfora mais ampla: a interrupção do recreio simboliza o fim das liberdades políticas e culturais na sociedade. Assim como as crianças, no curta, são forçadas a abandonar um momento de liberdade, os cidadãos podem ser privados de seus direitos e liberdades básicas em contextos políticos autoritários ou opressivos. Essa metáfora é especialmente relevante em um cenário onde políticas e ações governamentais frequentemente visam restringir o espaço para a expressão individual e a criatividade cultural, além do que o curta cria com isso um diálogo sobre como a arte pode ser um meio de reivindicação e reflexão crítica.

Um filme protagonizado por crianças, mas que tem nelas essencialmente a ideia da metáfora da origem, ou do surgimento do novo. Assim como Carlos Drummond de Andrade no poema ‘Os ombros suportam o mundo’ (publicado em 1940, na antologia *Sentimento do Mundo*), escrito nos anos 30, que retrata uma realidade injusta e cheia de sofrimento, mas que a ambientação dá lugar a um sentimento de esperança no futuro quando este poeta se refere a “mão de uma criança”, o curta metragem ‘O fim do recreio’ vem nesse mesmo sentido, trazendo a metáfora da esperança de um futuro novo personificado na figura das crianças, que no desenvolver de suas ações se vê num jogo de metalinguagem, onde câmeras se encontram cara a cara para a arte ser contada pela arte, - e mais, para a arte ser reclamada pela arte, demonstrando seu caráter reflexivo e crítico para além de um registro fílmico; onde este futuro novo só é garantido com a fertilidade das possibilidades. Com isso o filme não apenas apresenta uma narrativa, mas também reflete sobre o próprio papel da arte e do cinema, em particular o cinema político, e sua capacidade de refletir sobre a realidade e provocar mudanças em uma sociedade onde a liberdade pode ser restringida. À vista disso o cinema, portanto, se torna não apenas um meio de contar uma história, mas um espaço para discutir e reivindicar o papel da arte na defesa e na promoção das liberdades.

Outro ponto que é válido destacar é quanto a figura da criança no curta metragem. Embora seja uma ambientação juvenil, transpassando muitas vezes por eventos lúdicos, o curta além de não ter sido direcionado propriamente para o público infantil, se vê através desses “jovens” vocacionando o direito de poder se expressar livre e artisticamente, trazendo junto a

ideia da garantia dessas novas possibilidades, onde o recreio, ali, representa um espaço do exercício da diversidade, do agir, do pensar e do sentir em coletividade, portanto, do exercício da cultura. E sendo então a extinção do recreio a representação de uma exclusão do espaço democrático, a supressão das liberdades civis e culturais, o sufocamento da criação artística, criativa, além do incentivo à lógica pela busca da produtividade, uma realidade social que priva a liberdade de expressão, o que se percebe é a substituição dessa criatividade, promovida pelo cerceamento do exercício desta, por via do seu espaço de expressão, pela forte tendência a repetição e mesmo, a padronização, ou seja, a predominância do não-criativo e, nesse sentido, a criatividade caminha com o novo. Posto isso, tal evento aparece de forma uníssona com a análise de Adorno e Horkheimer sobre a indústria cultural, onde a cultura é descrita como sendo tratada como mercadoria e utilizada para fins de controle ideológico (Adorno e Horkheimer, 1985).

Se pensarmos na perspectiva de Adorno, conforme apresentado por Junior (2019), o conceito de indústria cultural compreende tanto o caráter comercial, quanto o modo de produção industrial das produções culturais no capitalismo, que são tratadas como mercadorias e suas consequências sociais, incidindo de forma central como instrumento de manipulação ideológica; e é na música, na moda, nas artes plásticas, no cinema, que podem se expressar essa influência da manipulação tratada por Adorno, de forma a irradiar em vários sentidos, influenciando desde a forma como as pessoas se vestem, na forma como agem, na forma de pensar e encararem o mundo a sua volta, até na maneira como as pessoas se emocionam diante de tal expressão artística; assim, tanto o agir, como o pensar e o sentir expressam condições socialmente construídas, expressam cultura. E, assim como outros “agentes” da indústria cultural, o cinema também “interfere na maneira de o homem conhecer a realidade social” (Souza, 2005, p.18), construindo saberes crenças, identidades; e as representações da realidade são fundamentais para a construção dessa realidade. Dessa forma, como traz a reflexão do curta, pensar a democratização da arte é, nesse sentido, pensar a democratização das representações da realidade.

Na figura de um representante escolar, o poder legítimo se encontra na incumbência de receber as demandas sociais, torná-las públicas no sentido de promover uma solução à demanda. Quando o registro das interações do recreio chega às mídias, o evento toma proporções maiores, e o que de início pode ter sido um movimento espontâneo, logo toma proporções organizadas, principalmente pela atuação da mídia disseminando a informação de maneira rápida, fator que causou comoção social e uma mudança na correlação de forças, registrada na mudança de discurso do representante parlamentar, evento tal que demonstra não

só a importância da organização das pessoas em torno de um ideal comum, como também o papel da política como mediadora das nossas relações.

A revolta contra o fim do recreio marca o evento central do curta, que é a disputa política, a reivindicação pelo direito ao ócio, ao descanso, pelo direito à diversão, a dança, a música, e especialmente pelo direito à arte - onde arte reivindica arte.

O desfecho do curta se dá diante uma grande mobilização, se fazendo do direito da liberdade e de suas reivindicações. Em um exemplo daquilo que podemos chamar de ação direta, os jovens conseguem pressionar as autoridades políticas responsáveis pelo cerceamento e reverter a situação. Este último momento fica marcado pela mudança da correlação de forças e a demarcação da vontade coletiva, evento este que alude tanto à celebração pela garantia de um direito social quanto traz à tona a possibilidade de reivindicar esses direitos, de serem sujeitos políticos ativos.

É válido despontar do que pensa Walter Benjamin, em "A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica" (1987), onde este pesquisador oferece uma visão crucial sobre a capacidade da arte de provocar mudanças sociais. Benjamin argumenta que a reprodutibilidade técnica da arte pode democratizar sua acessibilidade, mas também pode diluir seu valor ritual e crítico. "O Fim do Recreio" utiliza o cinema, uma forma de arte reproduzível, para provocar uma reflexão sobre a perda de liberdade. A escolha do cinema como meio para transmitir essa mensagem pode ser vista como uma tentativa de explorar o potencial crítico da arte e sua importância, mesmo em uma era de reprodutibilidade técnica.

Outro destaque vai para a análise de Junior (2019) sobre a indústria cultural e ideologia, onde este argumenta que a indústria cultural não apenas reproduz ideologias dominantes, mas também contribui para a formação de uma consciência cultural que reforça as relações de poder. "O Fim do Recreio" se contrapõe a essa ideia ao usar o cinema como um meio para questionar (fator importante para o espaço escolar) e criticar a ideologia dominante, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a forma como as liberdades são restringidas e manipuladas. O filme não apenas retrata uma situação específica, mas também oferece uma análise mais ampla das dinâmicas de poder e controle que afetam a vida cotidiana.

A analogia entre o fim do recreio e a restrição das liberdades é profundamente relevante para a vida cotidiana e os contextos políticos e sociais. A realidade retratada no curta-metragem pode ser vista como uma representação das tensões e desafios enfrentados em sociedades onde os direitos civis e culturais estão em risco. Na vida cotidiana, as restrições à liberdade de expressão, à criatividade e à crítica são frequentemente visíveis em políticas repressivas, censura e outras formas de controle social. O filme utiliza a situação do recreio

para refletir sobre essas questões, oferecendo uma crítica oculta às formas como os regimes autoritários e as políticas opressivas podem sufocar a liberdade e a inovação.

2.1 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INDÚSTRIA CULTURAL E O CINEMA

Se pararmos para pensar, a forma como transmitíamos mensagens antes da Revolução Industrial era dada basicamente pela oralidade e pela escrita, contudo, muita coisa mudou desde a invenção da prensa até a câmera de filmar. Antes dos instrumentos de reprodução técnica (Benjamin, 1987), se quiséssemos ver uma obra de Salvador Dalí, por exemplo, teríamos que ir pessoalmente no museu, de mesmo nome, em Figueres; não havendo instrumento de reprodução, as únicas ferramentas disponíveis eram os olhos e os sentidos diante da obra em questão, porém sabemos que nos tempos de hoje não funciona somente dessa maneira, basta entrar na internet para encontrar várias obras, inclusive versões, adaptações, distorções, mas Walter Benjamin com sua ideia de reprodutibilidade técnica não chegara a ter essa experiência; e o cinema - bem como foi com o rádio - veio para mudar essas formas de percepção da arte e da transmissão de informação.

Nesse mundo que não existia técnica com o objetivo de reproduzir informações, seja imagens ou áudios, a obra exigia dos indivíduos não só a contemplação (impacto e comoção) daquilo que está diante de seus olhos, mas também o estímulo a memória, nesse contexto se por acaso desejássemos ter novamente o contato com a obra poderíamos então acessar a memória, o rastro, para reviver a sensação, a experiência, do contato com a “aura” da obra, como elucida a reflexão que segue: “Se no passado os objetos históricos (a obra de arte em especial) eram cercados de uma aura que lhe conferia valor quase religioso, hoje, no contexto de sociedades pós industriais, só podemos entrar em contato com o passado através de seus rastros” (Benjamin *apud* Vasconcellos, 2012, p. 251). Então, quando presenciamos a Revolução Industrial, que trouxe mudanças significativas na função social da escola, onde passou a priorizar a formação de operários em vez da formação enquanto cidadãos, perceberemos que a demanda por uma força de trabalho qualificada se intensificou, exigindo uma educação voltada para o ensino técnico e profissional, fator essencial para o desenvolvimento da indústria (Hobsbawm *apud* Dias, 2012).

Nesse contexto, a educação era centrada no professor, que detinha todo o conhecimento, enquanto o aluno era visto como um receptor passivo. Essa abordagem, que Paulo Freire denominou de “Educação bancária”, reforçava a ideia de que a transmissão do

saber era unilateral (Freire *apud* Dias, 2019), e à frente a Revolução Francesa que desde a conformação de sua Assembleia Constituinte teve a educação pública como ponto de debate, mesmo que a forma de “educar para pensar a sociedade” fosse ligada também a “instrumentalização da escola para a reprodução de ideologias e relações de sociabilidade que viriam a se configurar como burguesas”, especialmente o fator da educação passar a ser obrigatória (Ressineti e Costa, 2014, p.03) e as pessoas passam a ter mais oportunidades para aprender a ler; surgem folhetins e jornais e, dessa forma, as informações se repetem e se difundem, daí podemos lembrar do caráter da reprodutibilidade técnica tratado por Benjamin. Por conseguinte, temos uma questão: a contradição do capitalismo, segundo a ótica desse autor, é de que essa reprodutibilidade retira a “aura” da obra, ou seja, ela faz com que não tenhamos mais uma memória sobre ela, assim, perde-se a aura pela repetição.

Assim, se seguirmos a ideia de Benjamin trazida anteriormente, conforme há um processo que envolve a repetição, que seria fruto dessa reprodutibilidade, então fruto da indústria cultural, do desenvolvimento técnico, das tecnologias de distribuição (difusão) da informação, advinda da globalização, perde-se então a memória, onde novas repetições (e sensações) ocupam esse espaço da memória (não sobrando rastro). Se pensarmos as redes sociais, por exemplo, e o efeito dessa reprodutibilidade técnica, ao acessar o feed de notícias de uma dessas redes sociais por alguns minutos, o indivíduo acaba sendo bombardeado por informações das mais variadas, assim, a tendência é que ao fim do dia este indivíduo não consiga lembrar nem da metade dessas informações, onde estas, em sua maioria, surgem de forma sintética. Mas o que vale nossa atenção não é a “aparente memória curta” e sim a influência que essas redes - e as informações transitadas por elas - têm sobre os indivíduos que as acessam. Ou seja, da mesma forma que, como bem lembram diversos autores, o cinema, hoje ainda mais difundido graças aos serviços de streaming, constroem uma maneira de enxergar o mundo, são uma ferramenta para difundir ideologia e influenciar um número enorme de pessoas ao mesmo tempo, a rede social também trabalha nesse sentido e com uma dinâmica mais acelerada, onde vídeos curtos dominam os espaços e fazem de informações longas, pequenos resumos para consumo em massa.

Se lembrarmos do que falou Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* acerca da Indústria Cultural e do seu papel frente à sociedade, percebemos um caminho de fato esclarecedor; frente uma sociedade burguesa, o cinema aparece como uma grande ferramenta de comunicação e, de forma mais objetiva, de disputa ideológica, disputa da “consciência” dos indivíduos e o faz se apropriando das produções culturais, esvaziando seus significados, generalizando seus aspectos e tornando-os mais uma mercadoria, produzida em massa para

consumo em massa.

Dessa forma, os significados das práticas culturais, o seu conteúdo, se perde, é esvaziado e dá lugar a uma nova roupagem, que terá o potencial de, justamente por ser genérica, alcançar mais pessoas. Um exemplo disso na música: poderíamos dizer que o “sertanejo universitário” é uma nova “versão da música caipira”, que alcança mais pessoas, um estilo mais “universal”. Assim como a música, a indústria cultural esvazia e generaliza o conteúdo de todas as práticas culturais que sejam potenciais mercadorias, dessa forma, ao invés de a grande massa de indivíduos da sociedade manter contato com os significados culturais, mantém contato com sua forma genérica, esvaziada de conteúdo, e passa a “ter a ideia” de que se está integrado com aquilo que se mantém da relação, quando na verdade não passa de reprodução da semicultura; sobre essa reflexão, nos dizem Genovese, Carvalho e Genovese (2019, p. 876):

A partir dos valores apreendidos na coletividade, esse sujeito vai elaborar seus próprios valores, apropriando-se subjetivamente da cultura da sociedade em que vive. Porém, como a nossa cultura está imersa em um mecanismo ideológico denominado indústria cultural (ADORNO, 1996), acabamos por viver numa sociedade cuja cultura converte-se em semicultura, ou seja, a desarticulação das condições subjetivas impede a emancipação para a formação.

E seguem, “É a indústria cultural que direciona as reflexões que Adorno (1996) faz ao nos mostrar o quanto a semiformação (*Halbbildung*) está presente, levando as pessoas ao conformismo e ao imediatismo”(Idem, p. 877).

É nesse sentido que a experiência descrita nesse texto é importante, pois se falamos de influência ideológica sobre uma massa de indivíduos, os estudantes de ensino médio não estão deslocados disso. Parece óbvio afirmar isso, porém se faz necessário perceber que a escola, assim como produtora de condutas, hábitos, influencia os estudantes da mesma forma que recebe deles sua influência, advinda de suas práticas culturais próprias e diversas, o que nos faz entender a relação ativa desses jovens tanto na construção de demandas educativas, quanto na construção de sua subjetividade diante das relações mantidas nesse âmbito escolar. Em outras palavras, a brincadeira de rua também pode ser brincada na escola e a brincadeira da escola também pode ser brincada nas ruas.

Como o audiovisual é carregado de informações sobre o mundo, onde, seja pela televisão, por uma plataforma de streaming ou indo ao cinema, todos irão se deparar com apresentações de visões de mundo, temas diversos da contemporaneidade, exemplos de religiosidade, que são conhecimentos cotidianos que formam a aprendizagem, trabalhar uma

atividade de produção cinematográfica, por exemplo, onde teria como diretores, roteiristas e atores os próprios alunos - como uma sugestão retirada do próprio curta- metragem - elaborada sobre as bases materiais de suas realidades, proporcionaria um contato diferenciado com seu local de vivência, com sua comunidade, seja ao contar a história do bairro que mora ou elucidando alguma rotina (aspecto cultural), o cinema, da forma como descrita, pode ser utilizado como ferramenta poderosa; política e pedagógica.

Além disso, vale destacar que Benjamin percebe o duplo caráter da obra de arte, - daí surge uma inicial diferença com Adorno, que dizia que a indústria cultural estabelece uma relação de profunda semiformação, de alienação dos indivíduos (Maar, 2003) - onde, por um lado por mais que essa reprodutibilidade técnica esterilize a aura da obra de arte, por outro ela também pode nos levar a aura daquilo que está sendo representado, como a fotografia de um ente querido que já se foi. Assim, contrariando a ideia de Adorno e Horkheimer, quando pontuada por Junior:

Nesse sentido, a atração exercida pela cultura de massa, principalmente o cinema comercial, está intimamente ligada ao poder de levar os espectadores a um estado de superexcitação, no qual eles passam a se sentir como se, de fato, estivessem vivenciando aquilo que é representado, entregando-se ao deleite das sensações e da emoção. Esses estados “sensacionalistas” produzidos pela indústria cultural tornam cada vez mais perfeita a ilusão de que o produto artístico é similar ao mundo real, ou que uma possível realidade futura, como no caso dos filmes de ficção, encontra-se a nosso alcance nos dias atuais (Adorno e Horkheimer *apud* Junior, 2019, p. 507).

Benjamin nos traz essa dupla reflexão, e nesse sentido de que, por meio da obra de arte, pode-se percorrer “o rastro dessa aura”, nos faz pensar em movimentos cinematográficos voltados para a exaltação de movimentos de luta coletiva, dos trabalhadores, de cinemas revolucionários como o foi o próprio cinema russo (soviético) e chinês que conseguiram “escapar das leis do comércio” (Albuquerque, 2021, p. 171), ou mesmo conferir ao cinema a ideia de que ele – o cinema – faz parte da realidade, ao passo que a expõe, a descreve, a constrói, a reivindica e a disputa, representando aquilo que diz Albuquerque (2021, p. 172) “o cinema abordado politicamente de maneira mais ampla como sua função social, seus efeitos ideológicos e sua representação”. É importante pontuar que mais à frente o próprio Adorno revisita a sua reflexão e, segundo Junior (2019) ele “admite que, apesar da presença da ideologia, a indústria cultural poderia também desenvolver um espaço alternativo para produções massificadas” (Adorno *apud* Junior, 2019, p.505).

É interessante perceber que Walter Benjamin, assim como Gregório Galvão de

Albuquerque, têm perspectivas únicas sobre como a padronização pode afetar o pensamento crítico, especialmente no contexto da arte e do cinema; discutindo as implicações dessa reprodutibilidade técnica na arte, Benjamin argumenta que as condições industriais da produção e da difusão cinematográficas representam o princípio de uma arte liberada da “aura”, ou seja, a arte passada à frente enquanto fruto de reprodutibilidade técnica não é mais que a “arte não autêntica”, e sobre isso escreve Araújo (2010, p. 125):

A autenticidade da obra de arte para Benjamin, conforme mencionado acima, depende da materialidade da obra, do substrato físico que a envolve, a partir do qual se desenrola sua história, e no qual ficam registradas as transformações físicas e as relações de propriedade por que passa a obra. A reprodução não consegue levar consigo o testemunho da história gravado no substrato original, autêntico, o que provoca, segundo Benjamin, a perda da autoridade e do peso tradicional da obra de arte. A autenticidade da obra de arte aurática é, para ele, única e não pode ser reproduzida.

Entretanto, Benjamin não é tão descrente quanto Adorno e Horkheimer, por exemplo, e vê isso como uma oportunidade para a arte se tornar mais política, pois a reprodutibilidade técnica pode desafiar os conceitos clássicos de tempo, espaço e causalidade.

Por outro lado, Gregório Galvão de Albuquerque, em seu trabalho “O cinema político e a politização da arte” (2021), discute como o cinema, desde sua origem, passou por diversas transformações em sua linguagem e também sua forma ideológica de utilização. Dessa forma, o professor argumenta que o cinema, apesar de surgir como mercadoria em um contexto de aceleração do cotidiano e aumento de imagens e sensações produzidas e reproduzidas pelos indivíduos, tem também a potencialidade de crítica e de realização política. Isto posto, sugere que, mesmo que o cinema possa ser padronizado pela indústria cultural, ele ainda retém seu potencial para o pensamento crítico e a expressão política. Portanto, podemos dizer que tanto Benjamin quanto Albuquerque reconhecem a padronização na arte e no cinema, mas também destacam o potencial desses meios para resistir a essa tendência e promover o pensamento crítico.

Assim, percebemos, diante das reflexões supracitadas, que apesar da reprodutibilidade técnica e de suas consequências sociais, a obra de arte, ou mais especificamente neste caso, o cinema, produz também reflexão, além de sensibilização e impacto. O duplo caráter referenciado por Benjamin e Albuquerque - cada um aos seus moldes -, por exemplo, nos elucida essa função reflexiva do cinema e essa criticidade a partir do cinema está imbuída na atividade norteadora deste nosso trabalho.

Depois dessa reflexão podemos perceber que a obra de arte não está mais ligada somente

a contemplação via memória; da mesma forma que a história dos homens se desenvolveu, as ciências e as artes também se desenvolveram, as visões de mundo e as formas de explicar a realidade se tornam cada vez mais complexas, e o cinema, nesse sentido, institui-se, como pontua Sousa (2005, p.20) “como possibilidade de o homem ter acesso ao conhecimento”, possuindo, assim, um caráter crítico-social e pedagógico. Enquanto Albuquerque vê o cinema como uma ferramenta para a crítica política e social, Benjamin discute as implicações da reprodutibilidade técnica na arte, e Adorno e Horkheimer criticam a indústria cultural por sua padronização e controle. Essas diferentes perspectivas oferecem uma visão multifacetada da relação entre arte, política e sociedade na era moderna.

A indústria cultural continua seu serviço em função da apropriação dos bens produzidos socialmente, do esvaziamento dos seus significados e da esterilização da cultura em seus termos genéricos para o consumo em massa, mas isso não faz das artes plásticas, da música, da dança e em especial o cinema, ferramentas em desuso, muito pelo contrário, passam a ser ferramentas que, pelo tamanho potencial de inserção e influência que causam e possuem, e o cinema como ponto central, pode ser voltado para perceber seu conteúdo difundido em favor de uma formação crítica e não somente como um mero propagador de ideologias “ativas” em “sujeitos passivos”. Deixar de lado uma ferramenta não a torna ineficiente, mas ainda mais eficiente em seu aspecto de “influência ideológica”. A “saída” então seria se apropriar dessa ferramenta e de todo seu potencial já citado e fazer dela uma arma tanto política, quando me refiro diretamente no “fazer cinema”, quanto uma aliada pedagógica se explorada de forma propositiva como esse trabalho sugere; um suporte didático, referenciado nas realidades dos estudantes e que serve de catapulta para um momento ativo, de criação e protagonismo dos estudantes.

2.2 – O CINEMA EM DUAS PARTES: DISPUTA IDEOLÓGICA E FERRAMENTA PEDAGÓGICA

O cinema, ao longo de sua história, tem sido objeto de intensa análise e reflexão por parte da crítica especializada, que o interpreta sob múltiplos olhares e perspectivas. Não se trata apenas de um meio de entretenimento ou de uma arte destinada à pura contemplação estética; na verdade diversos estudiosos e teóricos têm explorado como o cinema pode ser utilizado para pensar questões que transcendem a superfície de sua narrativa visual. Essas análises sugerem que, além de produzir uma experiência sensorial e emocional, o cinema desempenha outros papéis, que se tornam centrais para o presente trabalho. Ao examinar as contribuições de alguns

pesquisadores neste campo, este texto buscará destacar como o cinema, enquanto manifestação artística e cultural, pode ser empregado como uma ferramenta para explorar e compreender questões que vão muito além da estética, envolvendo o espectador em uma reflexão profunda sobre as múltiplas camadas da experiência fílmica.

Sobre isso, da perspectiva de Adorno e Horkheimer, o cinema exerce uma influência significativa na construção e na disseminação de ideologias dominantes ao funcionar como um mecanismo de propaganda velada. Eles defendem que a narrativa cinematográfica, frequentemente padronizada e previsível, contribui para a reprodução de ideais que favorecem o capitalismo, como o individualismo, o consumo, e a meritocracia. Dessa forma, o cinema ajuda a naturalizar e perpetuar essas ideologias, tornando-as parte da cultura popular e do senso comum, de modo que suas contradições se tornam invisíveis para o público. Assim, pode acabar influenciando a criar uma falsa consciência, uma falsa ideia, onde as contradições do capitalismo são mascaradas por narrativas que celebram a ordem estabelecida e desestimulam qualquer forma de questionamento ou subversão. Mas é por esse mesmo motivo que o cinema serve como uma arma poderosa, visto que permeia toda a sociedade, caminha por todas as classes sociais e é um produto cultural de consumo em massa.

Como bem ressalta o professor e pesquisador Albuquerque (2021), o cinema, pode ser uma ferramenta de politização e de conscientização crítica. Quando voltado para temas políticos e sociais, ele pode provocar reflexão e incentivar o espectador a questionar as estruturas de poder existentes, sendo assim o "cinema político" pode, segundo esse autor, ter inclusive o potencial de desestabilizar a ideologia dominante, expondo suas falácias e contradições, e estimulando o espectador a desenvolver uma consciência crítica sobre as injustiças sociais. De forma explícita ou implícita, o cinema político busca expor, debater e problematizar questões sociais, políticas e históricas. Trata-se de um cinema que se posiciona, que possui uma intenção de impactar e despertar uma consciência crítica no espectador, se diferenciando do cinema de entretenimento convencional, ultrapassando este que, muitas vezes é alinhado à valores que sustentam o status quo, dessa maneira, ao politizar-se, o cinema deixa de ser apenas um produto cultural para se transformar em uma arma política. A politização do cinema também implica reconhecer o seu papel na formação de identidades e na construção de memórias coletivas. Promove a democratização da cultura e o reconhecimento de subjetividades diversas, contribuindo para a pluralidade democrática.

É importante ressaltar que a politização do cinema também depende do contexto em que ele é produzido e consumido. Um filme politizado pode ter diferentes significados em diferentes contextos culturais e históricos. A recepção crítica e popular de um filme, portanto, é uma parte

crucial de sua politização. Filmes que são politizados em um contexto podem ser reinterpretados de maneira diversa em outros, dependendo das condições sociais, culturais e políticas, visto que o cinema, como bem pontua Albuquerque (2021, p. 166) tanto influencia a realidade como é produto dela: “Na sua trajetória, o cinema político pode ser entendido como um produto da realidade no qual é produzido ao mesmo tempo que o representa com a potencialidade crítica”.

Ao usar o cinema em sala de aula para fomentar debates e reflexões, professores podem desafiar os alunos a questionar as ideologias presentes nos filmes e na sociedade. Essa prática pode contribuir para a formação de uma resistência cultural, na qual o público aprende a identificar e resistir a formas sutis de manipulação ideológica. E ao reconhecer o potencial dessa arte pode servir para provocar uma "desautomatização do olhar", o que pode indicar uma possibilidade de subversão. Dessa forma, o cinema pode romper com sua função alienante se seus elementos forem utilizados para estimular uma crítica à sociedade e a seus mecanismos de dominação. Assim, o cinema não apenas tem o potencial promovedor das ideologias dominantes, mas também pode ser usado para criar e disseminar projetos políticos alternativos, principalmente se usado de forma propositiva como é o caso da experiência supracitada.

Filmes politizados frequentemente exploram a representação de grupos marginalizados ou oprimidos, dando voz a narrativas que são tradicionalmente excluídas ou distorcidas pelo cinema *mainstream*. Por exemplo, a cinematografia *queer*, o cinema negro, e o cinema feminista são exemplos de práticas fílmicas politizadas que buscam desafiar as representações normativas e criar novas formas de ver e entender o mundo, construindo contranarrativas que desafiam a hegemonia cultural. Cinema dessa natureza podem servir para inspirar situações como a descrita no curta metragem ‘O Fim do Recreio’.

Assim, diante do exposto acima, a análise revela um papel ambivalente do cinema frente à ideologia. De um lado, o cinema pode servir como uma ferramenta de manutenção e reprodução da ideologia dominante, consolidando o *status quo* e promovendo conformidade social, por outro lado, ele também pode ser um meio de resistência e transformação, promovendo a conscientização crítica, politizando as audiências, e contribuindo para a construção de projetos políticos alternativos. Quando integrado de forma crítica ao ensino, servindo como suporte pedagógico, o cinema tem o potencial de se tornar um poderoso instrumento educativo e político.

No contexto brasileiro, desde o processo de institucionalização da disciplina de Sociologia no ensino médio, tanto o professor quanto a disciplina vêm disputando o seu lugar, lembremo-nos das intermitências passadas pela disciplina ao longo dos anos, o que implicou, dentre outras coisas, na dificuldade de formação para o estudante de Licenciatura em Ciências

Sociais, e na própria identidade da disciplina, e como bem pontua Moraes (2003, p.11) “Pode-se dizer que aqui também a intermitência dos debates/presença da Sociologia no ensino médio é parte responsável por essa dificuldade de consolidação de programas e materiais didáticos, bem como de sua renovação ou aperfeiçoamento”. Assim, percebe-se que o fator intermitência influencia tanto na identidade da disciplina, quanto nas várias formas de se pensar as ferramentas pedagógicas, o que perpassa o caminho da formação do profissional envolvido.

Por isso que, pensar em ferramentas diversas para estimular e despertar o interesse dos alunos em sociologia é tão fundamental, assim a busca por recursos didáticos se torna algo indispensável para se pensar uma aula mais proveitosa. Trazer novos recursos didáticos como forma de aproximar e firmar essa disciplina no ensino médio, ou até mesmo em apresentar conceitos pouco explorados, tem sido também a preocupação da disciplina de Práticas de Extensão (ACE II), que teve como ideia central levar o cinema às escolas como ferramenta de mediação para aproximação e discussão de temas relacionados à Ciência Política no ensino médio; afirmando inclusive sua viabilidade como recurso didático.

É de fundamental importância pontuar a efetividade do cinema enquanto instrumento, recurso didático, que foi percebido com a intervenção em questão, até por que, como bem colocam Kuriyama, Lima e Patriarca (2014, p. 2331), “o grande desafio da sociologia é reinventar seu modo de produção e reprodução, principalmente nos bancos escolares de ensino médio, de maneira que a torne atrativa para os adolescentes sem perder em profundidade teórica, indispensável para qualquer trabalho científico”. Por meio do cinema, podemos estimular o pensamento crítico, promover a empatia e a compreensão cultural, auxiliar no aprendizado de conteúdos curriculares, engajar os alunos visualmente e facilitar discussões em sala de aula. Neste contexto, a intenção da presente atividade foi explorar algumas possibilidades do uso do cinema como ferramenta educacional eficaz no ensino da ciência política e das ciências sociais.

Filmes podem apresentar situações complexas ou dilemas morais que incentivam os alunos a pensar criticamente e desenvolver suas próprias opiniões. Por exemplo, filmes como o que foi selecionado para este trabalho nos dão suporte para discutir inclusive sobre os valores comuns e colocam os alunos diante de questões éticas, jurídicas, além de reflexões acerca da cultura. Outra maneira como o cinema pode ser uma ferramenta educacional eficaz é pela promoção da empatia e da compreensão cultural, pois ao retratar pessoas de diferentes culturas, origens e experiências de vida, os filmes podem ajudar os alunos a entender e apreciar a diversidade humana, além disso podem nos ajudar a fazer conhecer e respeitar outras formas de viver e de se expressar.

Outra possibilidade se dá pelo auxílio no aprendizado de conteúdos curriculares, como é o caso também do apresentado no presente trabalho, onde nos deparamos com expressões específicas e alguns conceitos que, diante dos eventos políticos decorridos no curta, podem nos fazer aprender e lembrar de informações importantes para a compreensão da ciência política. Uma outra maneira como o cinema pode ser uma ferramenta educacional eficaz é pelo engajamento dos alunos visualmente. Como meio visual, o cinema pode ser particularmente envolvente para os alunos, especialmente para aqueles que são aprendizes visuais, podendo inclusive estimular que eles apreciem e analisem a linguagem cinematográfica e seus recursos expressivos, mostrando que existem vias sociais alternativas. Além disso, o cinema ainda pode ser uma ferramenta educacional eficaz justamente por essa facilitação de discussões em sala de aula, pois após assistir a um filme, os professores podem facilitar discussões em sala de aula, permitindo que os alunos compartilhem suas interpretações e opiniões e que isso ajude a dialogar e refletir sobre as experiências e sentimentos compartilhados.

Dessa maneira, podemos perceber que o cinema é uma forma de arte que possibilita a politização do público, transformando o entretenimento em um espaço de reflexão crítica, e ao utilizar narrativas que abordam diretamente as condições sociais, o cinema pode ter a potência de "reeducar o olhar" do espectador, e sua utilização em sala de aula proporciona um ambiente de aprendizado mais dinâmico, estimulando o debate crítico, o que dialoga com o que descrevem Vieira, Nascimento e Bittencourt (2023, p. 14) quando tratam da “necessidade de ressignificar processos conhecidos de ensino e colocar em prática novas abordagens metodológicas, estimulando e ampliando a formação critico-reflexiva dos educandos”.

A utilização do cinema em sala de aula proporciona um ambiente de aprendizado mais dinâmico, estimulando o debate crítico. Isso dialoga diretamente com o que descrevem os autores citados quando tratam da “necessidade de ressignificar processos conhecidos de ensino e colocar em prática novas abordagens metodológicas, estimulando e ampliando a formação critico-reflexiva dos educandos”.

A abordagem de diferentes autores sobre o tema revela como o cinema pode ser utilizado para promover uma leitura crítica da sociedade, facilitar a compreensão de fenômenos sociais e engajar os estudantes em debates significativos, sobre isso, Vieira, Nascimento e Bittencourt salientam:

Algo que permanece presente nos trabalhos é a necessidade de ressignificar processos conhecidos de ensino e colocar em prática novas abordagens metodológicas, estimulando e ampliando a formação critico-reflexiva dos educandos. Chagas (2020) propõe ressignificar o ensino das Artes Visuais,

partindo do “pressuposto de que a arte é uma forma de expressão e comunicação, e o cinema, sem dúvida, é uma expressão nascida dela, que atrai, inspira e possui um potencial pedagógico profundo. (Chagas, 2020 *apud* Vieira, Nascimento e Bittencourt, 2023, p. 14)

Dessa forma, o cinema, como ferramenta didática, oferece um recurso visual e narrativo que pode potencializar o ensino das Ciências Sociais, proporcionando uma compreensão mais prática, ampla e dinâmica dos conceitos, como exposto por Viana, Rosa e Orey (2014, p. 138) quando salientam que: “o trabalho com a linguagem do cinema contribui para o desenvolvimento da compreensão crítica da diversidade presente na sociedade por meio das novas tecnologias, pois esses instrumentos proporcionam benefícios à formação dos alunos”.

Desse modo podemos sugerir que o uso de filmes pode engajar os estudantes e favorecer discussões que relacionam o conteúdo curricular com suas experiências cotidianas, tornando o aprendizado mais significativo, podendo inclusive ser uma estratégia de metodologia ativa onde o estudante não apenas recebe o conteúdo, mas interage com ele, analisando e refletindo sobre as situações apresentadas nas obras cinematográficas, dessa forma a reflexão crítica é ampliada quando o aluno se vê diante de situações que dialogam diretamente com sua rotina, com o seu dia-a-dia. Quando utilizado de maneira crítica, o cinema pode ser inclusive uma ferramenta emancipadora no contexto educativo.

As reflexões sobre o cinema enquanto ferramenta, recurso pedagógico, destacam a importância de integra-lo ao currículo de Sociologia de forma sistemática, selecionando filmes que estejam alinhados com os conteúdos e objetivos educacionais. Por isso é importante a escolha criteriosa das obras cinematográficas inclusive, como pontua Almeida (2017, p.5), é central que “o professor leve informações sobre o contexto em que o filme foi produzido: país, língua, diretor, ano de lançamento, premiações etc.” além do que, deve ser um mediador crítico na utilização desse recurso, guiando a análise e o debate em sala de aula.

Apesar das vantagens, a literatura reconhece os desafios na implementação do cinema como recurso didático, como a necessidade de capacitação dos professores para a utilização adequada dessa ferramenta - muito já tem sido feito nesse sentido, mas ainda é o começo -, bem como a adequação do conteúdo cinematográfico ao nível de compreensão dos estudantes, como o é em relação as Tecnologias de Informação e Comunicação e sobre isso colocam Viana, Rosa e Orey (2014, p. 138):

Sabemos que ainda existem questionamentos diversos sobre a utilização dos meios de comunicação audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, de acordo com Cipolini (2008), o impacto da comunicação visual na construção do conhecimento dos alunos é inegável. Porém, muitas

dificuldades se impõem para a efetivação desse novo paradigma educacional, pois os professores não estão recebendo uma formação adequada para acompanhar essas mudanças tecnológicas.

Por isso que os autores citados aconselham que os professores devem tomar certos cuidados na utilização do cinema em sala de aula, visto que se faz necessário “considerarmos que o cinema é um gênero híbrido, pois é, ao mesmo tempo, arte e indústria.” (*Idem*, p. 138). É por essa razão que se torna imprescindível harmonizar as demandas da apreciação estética com a funcionalidade dos recursos educativos que o cinema pode oferecer, e nesse sentido seguem dizendo que “é necessário levar ao debate um recurso que, embora não tenha sido construído com finalidades educativas, tem um grande potencial educativo e, por isso mesmo não deve ser descartado pela escola e pelos professores em suas práticas pedagógicas”.

O que foi observado neste trabalho é que, assim como é válida a aplicabilidade desse recurso didático em outras disciplinas do núcleo “das humanas”, tanto a música - como elucida o trabalho do professor Bodart sobre o uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia (2012) - como outras ferramentas áudio visuais, o cinema, com filmes e documentários, pode oferecer possibilidades para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Por meio das imagens fílmicas, como um recurso didático, também é possível proporcionar tanto para alunos como para professores uma observação de espaços distintos, que outrora poderiam ser distantes e inacessíveis, passam a ser mais prováveis, visto que o foco deixa de ser voltado para o professor e se volta para o aluno e suas percepções da realidade, além do que torna a aula mais diversa, podendo ser mais dinâmica e atrativa.

3. A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA

A intervenção foi realizada na Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça, que fica localizada no Eustáquio Gomes, bairro periférico da parte alta da cidade de Maceió. A escola faz parte da 13ª GEE (Gerência de Ensino), atendendo as modalidades de Ensino Regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos) e conta, até a produção desse trabalho, com um professor efetivo responsável pela disciplina de Sociologia no ensino médio, foco de nossa atividade. A realização dessa atividade, foi planejada em conjunto com a professora responsável do componente curricular de Práticas de Extensão, com os extensionistas responsáveis pela

aplicação e mediação do espaço, e com o professor² responsável pela disciplina nessa instituição de ensino.

Chegamos nessa escola por sugestão minha, visto que já conhecia a escola por ter estagiado nela (Estágios 2, 3 e 4) junto ao professor responsável pela disciplina, e para a realização da atividade, com o filme previamente selecionado e discutido no âmbito da então disciplina de Práticas de extensão em Ciências Sociais II, selecionamos as turmas dos terceiros anos do ensino médio. Como essa série possui três turmas, separadas em 3º T1, 3º T2 e 3º T3, foi pensado em trabalhar junto com o 3º T1, e essa turma foi escolhida principalmente por dois fatores: i) por conta do cronograma do próprio professor e do calendário da Escola; ii) pelo fato de o professor já ter ministrado conteúdo que dialoga bastante com a discussão proposta pela intervenção, tais como “concepções de poder” e “liberdade de expressão”, que inclusive havia sido o tema de sua última aula voltada para Ciência Política, portanto era algo que os estudantes estavam, em certa medida, familiarizados e que casou bem com a proposta deste trabalho. Essa turma, composta, até então por 39 alunos matriculados regularmente, é de maioria feminina.

Realizada essa escolha começamos a ação explicando para os estudantes o que iríamos fazer, justificando o fato de estarmos na sala de vídeo e o porquê que aquela seria uma aula diferente; seguindo então para a apresentação do curta, que foi realizada em uma longa aula de uma hora e vinte minutos, acontecendo entre as 14:10 e as 15:30 da tarde, onde o professor, em um primeiro momento, acompanhou ao assistir o curta e ao gravar um pequeno vídeo com o auxílio de seu celular pessoal, porém em seguida preferiu se retirar e deixar a turma com os dois extensionistas responsáveis pela atividade proposta. Depois de assistido o filme foi proposto o debate. O debate foi iniciado com uma inquietação, que consistia em tentar desenvolver uma resposta para a questão: “para vocês o que significaria o fim do recreio?”, baseado no que assistiram e especialmente nas experiências de cada estudante as tentativas de respostas foram sendo lançadas e em torno dessas respostas foram lançadas novas reflexões, que em sua maioria eram desenvolvidas pelos próprios estudantes, esse movimento deu dinâmica ao debate, que logo evoluiu para uma discussão ampla. No início os extensionistas presentes (eram dois) se viram na necessidade de esclarecer alguns conceitos citados em alguns momentos pelos estudantes, mas no decorrer do debate nos incluímos nas discussões e refletimos juntos, numa troca de comunicações e diálogo atividade foi gerida pela participação

² O professor em questão é Juarez Fernandes da Paz Junior, formado em Pedagogia e pós-graduado em Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Coordenação e Orientação Escolar e professor efetivo da rede pública de Alagoas.

ativa dos estudantes. O espaço foi aproveitado em todo o seu tempo em torno do diálogo entre as partes.

Para além de um dia de cinema, o que foi experienciado foi um momento onde “o lugar do professor” foi socializado, dividido com os estudantes, fazendo disso um espaço de aprendizado coletivo, comum a formação tanto dos estudantes quanto dos extensionistas.

É importante pontuar que, sabemos que o currículo destina para a disciplina de Sociologia no Ensino Médio um tempo de hora aula de 50 minutos, porém a escola em questão estava promovendo uma série de eventos culturais em formatos de seminários e apresentações, e a disciplina, bem como as outras, ocuparia um tempo nessas apresentações, e o professor cedeu parte desse tempo (1 hora e 20 minutos), tendo em vista que o tema em questão não era deslocado da proposta da escola e, como já tratado em outro momento desse texto, o professor já vinha de uma série de aulas e experiências de troca com os estudantes com temas que dialogam com a proposta desse trabalho.

Como recursos didáticos nos foi disponibilizado a sala de vídeo climatizada onde pudemos utilizar o Datashow da Escola, bem como a lousa, pincel esferográfico, além da internet da própria instituição. A estrutura da escola nos garantiu o conforto e a flexibilidade para a realização da intervenção, fator excepcional pois é importante destacar que essa não reflete a realidade da maior parte das escolas da rede pública alagoana. Com fins de acompanhamento e registro de algumas colocações por parte dos estudantes, para não os interromper e trabalhar junto a eles o que foi levantado, também fiquei acompanhado de um caderno de campo.

É importante destacar que, como já citado, o calendário da escola estava com dias e horários ocupados, o momento de encontro com a turma teria que ser disposto em um único dia, por isso que nos foi concedido um tempo maior que o período convencional de aula (que seria de 50 minutos). Assim, em um único encontro foi passado e debatido o curta. Outra coisa a pontuar é a abertura que a escola teve, disposta a receber a atividade e estabelecer a relação deste o primeiro contato, principalmente quando se refere ao professor (e mentor) responsável pela disciplina de Sociologia; este, em especial, se mostrou bem receptivo, visto que já está acostumado a trabalhos que envolvam Estágio, como falado anteriormente, Extensão, Pesquisas e atividades afins vindas da Universidade. Cabendo ressaltar aqui que mesmo com tal receptividade, ainda encontramos desafios para a condução e execução das atividades curriculares de extensão, visto que foi uma atividade gerida em torno do componente curricular em sala de aula, houve somente um planejamento externo a escola, sem sua participação ativa, além de não ser previsto -por parte do desenvolvedor desse componente curricular, o retorno

ou a continuação da atividade ou de atividades correlatas na escola, afora isso, vale destacar também que tanto a confecção da atividade, quanto as metodologias destacadas, e todo o desenvolver da atividade para além da restrição da sala de aula do ICS fora de esforço individual dos extensionistas, valeria mais empenho por parte do desenvolvedor da ementa do componente curricular em questão, visto a importância deste.

Quanto à atividade em si, os alunos demonstraram atenção ao assistir o curta e essa atenção se refletiu no debate que se seguiu. Em um primeiro momento esse foco foi por mim associado a presença do professor e à disciplina por ele cobrada frente às atividades extensionistas, porém mesmo diante da ausência do professor o foco foi mantido, e a atenção se refletiu no debate que se seguiu. Tendo como ponto de partida o recurso fílmico e como referência a questão-problema: “Diante do que acabaram de assistir, para vocês, qual o significado do fim do recreio?” Essa questão-problema foi deliberada junto com a professora - já citada - de Práticas de Extensão em conjunto com o restante da turma de Ciências Sociais matriculadas nessa disciplina, depois de longo debate e revisão de literatura. Assim como a questão-problema, o curta metragem também foi deliberado dessa forma, depois de uma seleção entre vários curtas (e porque não filmes maiores? Por conta da demanda dos 50 minutos por aula).

Essa questão-problema foi central pois serviu para orientar a discussão, norteando-a com temas próximos da realidade deles, como representatividade escolar, direito ao espaço de lazer e socialização, por exemplo. Depois da exposição do curta os estudantes se mostraram ativos na participação. Ao partir para a discussão, foram levantadas por eles algumas reflexões e até mesmo respostas pontuais e complexas tanto a questão-problema quanto as outras que foram surgindo no decorrer do debate. Diante da questão-problemas, algumas delas foram:

“o fim do intervalo significa o fim do espaço coletivo, onde a gente pode conversar, escutar música, desde que não muito alto; jogar dominó, enfim, sem esse espaço a escola seria mais monótona.”

“é o único lugar que eu consigo jogar uma partida de xadrez até o fim.”

“ouxi professor, impossível acabar com o intervalo assim dessa forma, imagina a quantidade de estudantes revoltados nas escolas por aí afora, Maceió ia virar babilônia...”

Ou mesmo, diante de outras questões:

“O grêmio estudantil serve pra manter a biblioteca aberta, mas serve pra essas coisas aí também; ...reivindicar os direitos dos estudantes ué.”

“A gente já não tem diversão em casa por conta das correrias do dia-a-dia; e vai na padaria, e vai no mercadinho, e faz uma coisa e faz outra; se distrair mesmo, só na escola.”

Alguns dos estudantes que se mostraram mais tímidos nas intervenções trouxeram assuntos relacionados as possibilidades, aos desafios e as responsabilidades da participação política, bem como do fator contagiante e inspirador deles como espectadores para se envolverem mais com a política. Nesse sentido é interessante pontuar como Sousa (2005) discute a forma como a educação e o cinema são vistos como práticas culturais e ideológicas:

O cinema é um meio de expressão que interfere na maneira como o homem se vê, na forma como este concebe a si mesmo e a realidade que o cerca. Não apenas pelo deslumbre inicial frente à imagem em movimento do cinema, fato que marca a busca pela invenção, mas pelo modo tal qual este veículo de comunicação veio a remodelar as próprias relações sociais (Sousa, 2005, p.4).

Em outras palavras, tanto a educação quanto o cinema são formas de transmitir e produzir cultura e ideologia, sendo influenciados, bem como influenciando as demandas e as ofertas dos agentes sociais. Isso sugere que o cinema pode ser usado no ensino de Ciência Política com a finalidade de, por exemplo, explorar diferentes reflexões sobre ideologia, cultura e relações políticas, e debates como esse têm como plano de fundo a participação política, que direta e indiretamente foi citada por alguns estudantes.

Outro tema levantado pelos estudantes foi o de que o intervalo (aqui representando o recreio) seria um espaço de lazer e de socialização, momento este que foi marcado pela preocupação deles em ocupar esses espaços, o que não se trata de se limitar a só estar no local, mas a ocupar de forma ativa, política, e sobre isso foi destacado por um aluno a importância de quadros e murais nos corredores do pátio para, como ele mesmo pontuou, “livre expressão artística de fins variados”.

Se pensarmos em Albuquerque (2021), veremos então que o cinema político pode ser entendido como uma politização da arte, pois ele questiona, critica e propõe transformações na sociedade, envolvendo os espectadores em um processo de reflexão e ação, e o lazer e os espaços de socialização são importantes para o exercício da cidadania e da participação política, permitindo o contato com diferentes formas de expressão artística e cultural, o que dialoga diretamente com o que foi pontuado pelo estudante citado à pouco.

A discussão em sala seguiu uma crescente e o debate foi envolvido por diversas questões desde afirmar o intervalo como um momento de “alívio”, ou mesmo um “momento para

desestressar”, visto que muitos consideram a atividade em sala de aula muito cansativa, bem como um “espaço para exercer mais liberdade” ou simplesmente para “fazer novas amizades”, e nesse sentido podemos refletir que, como, nesse contexto “a noção de amizade surge com a ideia de atividades compartilhadas em espaços-tempos específicos da escola, como o pátio e o recreio” (Müller, 2008, p.135) esse espaço que é parte do calendário diário dos estudantes é visto como fundamental, o que é inclusive reforçado pelas reflexões dos próprios estudantes quando falam em “fazer novas amizades”, ou sobre a importância do “espaço de socialização”, por exemplo.

Seguindo uma dinâmica bem envolvente, os estudantes foram intensamente participativos e rapidamente estavam debatendo em torno de temas como “representações culturais”, “o direito de se expressar”, “justiça”, “autoritarismo”, “democracia”, além de temas como “a importância do cinema”, a “importância das mídias” e a “influência da indústria cultural nas nossas vidas”, tema este que inclusive (segundo os próprios alunos que fizeram questão de explicar como funcionou) fora foco de seminários junto às atividades propostas anteriormente pelo professor responsável na escola. É importante pontuar aqui que parte do debate se deu como um pêndulo entre temas que relacionam a participação política e a reivindicação de direitos de um lado e, de outro a influência da indústria cultural, especificamente os filmes, na forma de se vestir, na escolha de materiais escolares, na música que escutam e até mesmo na maneira de nomear certos grupos em alusão à personagens fílmicos, todos os temas foram levantados no calor do debate pelos próprios estudantes quando instigados a refletir. E sobre essa influência, Adorno (2002) é duro ao dizer que quanto mais sólidas se tornam as posições da indústria cultural, tanto mais brutalmente esta pode agir sobre as necessidades dos consumidores, produzi-las, guiá-las e discipliná-las, e quando ele coloca que “a mesmice também regula a relação com o passado. A novidade do estágio da cultura de massa em face do liberalismo tardio está na exclusão do novo. A máquina gira em torno do seu próprio eixo” (Adorno, 2002, p.16), o que Adorno está querendo dizer é que a padronização, advinda da indústria cultural leva à “mesmice”, em outras palavras significa dizer que os produtos culturais se tornam indistinguíveis uns dos outros, levando a uma falta de diversidade e originalidade, e é nesse sentido que aparece as falas de dois estudantes, quando um diz que “pra virar moda basta aparecer em algum filme que no dia seguinte todo mundo está comprando” e o outro que afirma que “ser descolado é imitar os artistas”.

Embora alguns estudantes, no início da atividade possam ter confundido a expressão “recreio”, aludindo a sua infância, visto que eles, estando no ensino médio, desfrutem de um “intervalo”, a discussão seguiu um rumo acelerado, onde por vezes os expositores

extensionistas tiveram de intervir e organizar uma ordem de inscrição de falas, que rapidamente foi compreendida por parte dos estudantes.

É importante também ressaltar que, diante da discussão, temas diversos foram levantados, mas em sua maioria relacionados com suas vivências cotidianas, o que demonstra principalmente a importância de uma prática educativa que esteja profundamente alinhada às condições de vida dos estudantes, especialmente aqueles da rede pública de ensino, como bem pontua Saviani (2008), que, dentre outras coisas, propõe que a educação deve ser vista como um processo intrinsecamente social e político, refletindo diretamente as realidades vivenciadas pelos alunos.

No caso de Maceió, onde as desigualdades sociais e econômicas são bem marcantes, a escola pública deve se propor a ser um espaço de acolhimento e transformação, e para tal, reconhecer a realidade social dos alunos não apenas é uma questão de justiça social, mas também uma condição necessária para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que ajudem a superar as desigualdades existentes. Essa questão é central, visto que o contexto estadual, ao qual a cidade de Maceió está inserida, tendo em vista o aspecto social e econômico, é de precariedade, como bem demonstra Silva (2017, p. 67):

O mercado de trabalho em Alagoas vem se mostrando como um ciclo que parece não mudar sua configuração: mesmo com todo investimento dos últimos anos em ‘abrir as portas do mercado’ para algumas empresas, o custo de vida (alimentação, moradia, transportes, etc.) ainda está acima do que se paga ao trabalhador. Dessa forma, e se assim se manter, o processo de empobrecimento não só não cessará, como tende a crescer; tanto quanto as investidas do capital sobre essa tendencial taxa de precários.

Buscar compreender os contextos de vida dos estudantes deve ser um elemento central no desenvolvimento de práticas pedagógicas que estabeleçam um diálogo verdadeiro com suas experiências, reflexão essa que é pontuada por Arroyo (2013), que segue argumentando que o sucesso educacional não se limita apenas à transmissão de conteúdos, mas também depende da conexão desses conteúdos com o universo dos alunos, incluindo suas trajetórias, desafios cotidianos e perspectivas de futuro. Foi pensando nisso que desenvolvemos o debate em torno das experiências de vida deles, como a vivência nos bairros periféricos, quando trazem o fato de precisarem fazer muitas atividades voltadas para a casa enquanto que o momento de lazer deles, geralmente é na escola, ou mesmo com o sucateamento da educação pública, quando falam da garantia do funcionamento da biblioteca.

Assim, o cerne da intervenção na escola era trabalhar o filme como uma ferramenta

pedagógica, além de um recurso didático significativo e debater conceitos ligados à Ciência Política, principalmente os de grande expressividade, ligado à própria origem da ciência em questão, como é o caso temas que envolvam “política”, “poder” e “governo”, “legitimidade e dominação”, além de outros como a noção de correlação de forças. É válido destacar que a reflexão em torno da participação política se mostrou central no debate em sala de aula, dialogando com questões como “ideologia”, “influência da indústria cultural”, mas sobretudo em torno das garantias de sua representatividade enquanto sujeito de identidade cultural. O objetivo foi alcançado, desde a amostra do filme, sua discussão, até a participação ativa dos estudantes em volta dos conceitos da Ciência Política; o recurso se mostrou eficiente em sua proposta.

Sobre a escolha da escola como foco para a intervenção, o principal fator para destacar foi a já existente parceria com a instituição, sendo a mesma instituição a qual realizei parte do meu estágio supervisionado obrigatório, assim como o fato de já ter feito parcerias em outras atividades de extensão, também ligadas à Universidade, além do que o professor responsável pela disciplina já havia ministrado um conteúdo que dialoga bastante com a discussão proposta pela nossa intervenção, como pontuado anteriormente.

Diante do exposto até aqui, como foi percebido que, antes da intervenção com o curta nas turmas escolhidas, os alunos já se encontravam familiarizados com parte do conteúdo viria a ser suscitado no debate, fazendo com que não fosse preciso nenhum tipo de exposição prévia por parte dos extensionistas. Em contrapartida, foi de fundamental importância nos fazermos presentes na mediação do debate, em tom de esclarecimento, visto que foi percebido que por algumas vezes existiram algumas confusões entre os conceitos, porém orientando-os ao protagonismo do debate.

4. CONCLUSÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE E A EXTENSÃO

Com base na prática extensionista relatada, é possível concluir que a utilização do cinema como recurso pedagógico no ensino de Ciência Política no ensino médio demonstrou-se uma abordagem eficaz para engajar os estudantes em discussões críticas sobre temas relevantes dos seus cotidianos e de suas vivências. Não foi o fato de terem assistido ao filme por si só que desencadeou uma epifania coletiva de reflexão crítica nos estudantes, mas sim a propositiva da investida dos dois graduandos em planejarem uma aula dinâmica; o que se discutiu durante todo o semestre da disciplina de ACE, como pensar uma aula voltada para o protagonismo dos estudantes, dando mais espaço para eles se posicionarem, distribuir

autonomia frente a organização do próprio debate, não se colocar como “o detentor do saber”, mas sim como mediador daquele espaço de troca coletiva e, principalmente, fazer da escola um local atrativo associado à vivência deles, não só o locus de uma educação formal e obrigatória.

A experiência relatada evidencia que, ao integrar elementos da cultura artística cinematográfica, como o curta-metragem "O Fim do Recreio", é possível estabelecer uma conexão significativa entre o conteúdo acadêmico e as vivências cotidianas dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizado mais dinâmico e participativo. O cinema, nesse contexto, funcionou como uma ferramenta de mediação que facilitou o diálogo entre os conceitos teóricos da Ciência Política e a realidade social dos estudantes, permitindo que eles reconhecessem o impacto das políticas públicas e das estruturas de poder em suas vidas.

Além disso, a prática extensionista reforça a importância de aproximar a universidade da escola, promovendo uma troca mútua de saberes que contribui tanto para a formação acadêmica dos discentes quanto para o enriquecimento das práticas pedagógicas no ensino médio. Estou falando necessariamente de uma relação duradoura entre as partes, de forma a não ser meramente uma atividade pontual, deslocada dos saberes dialogados na escola, se aproximando muito mais de uma “comunicação universitária” que de um “passeio experienciado”, - uma “invasão cultural” nos termos de Freire -, em outras palavras, é enxergar o processo educativo não como um ato de transmissão, ou um saber sistemático organizado, mas compreendê-la como este mesmo pesquisador pontua: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1983, p. 46).

Os desafios enfrentados, como a necessidade de adaptar o conteúdo cinematográfico ao nível de compreensão dos estudantes e a mediação ativa do debate em sala de aula, indicam inclusive que a formação dos professores deve incluir capacitação específica, detendo parte da formação continuada, para o uso de ferramentas culturais e audiovisuais como recursos educativos, pensando inclusive nesta comunicação com os estudantes.

Como a Extensão Universitária é justamente a ação da universidade que torna possível o compartilhamento, com o público externo, do conhecimento adquirido por meio do ensino e da pesquisa desenvolvidos na instituição, o componente curricular de Práticas de Extensão para a licenciatura nas Ciências Sociais aparece como parte dessa articulação, de socializar o conhecimento científico, advindo do ensino e da pesquisa, com as necessidades da comunidade, mais especificamente com as demandas educacionais voltadas para as Ciências Sociais, onde a universidade se insere, interage e se propõe a transformar a realidade educacional em questão,

junto daqueles que compõem essa realidade. Em vias formais, é atribuição da universidade, conforme o artigo 2º do capítulo I do Estatuto e Regimento Geral da UFAL: “VI - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição” (UFAL, 2006, p.6), sendo assim, a Extensão cumpre uma das funções sociais da Universidade, que tem como principal objetivo o de promover o desenvolvimento social.

E, visando justamente esse caráter social, resalto a importância de encarar a “extensão universitária” para além do que o termo extensão pode explorar. Sabendo que o conhecimento não se aprende, não se produz e não se desenvolve de forma unilateral, mas de forma dialética, no contato com o outro, na troca com o outro, na comunicação com o outro, entendo que devemos compreender esse processo como tal, um movimento de desenvolvimento do conhecimento, que não se desenvolve somente pelo fazer do professor, mas sim do fazer coletivo, entre professor e estudante, entre as realidades envolvidas nesse contexto.

Dessa forma, pensar atividades de extensão deixaria de ser algo vindo “de um lugar de fora” (inclusive fazendo uma autocritica quanto ao componente curricular em questão) para ser parte de um diálogo conjunto envolvendo a comunidade acadêmica, os estudantes do ensino médio, a formação profissional e as demandas escolares, ou seja, uma formação de conhecimento construído em “mão dupla”, como diria Gadotti (2017, p.2), uma “troca de saberes acadêmico e popular que tem por consequência não só a democratização do conhecimento acadêmico, mas, igualmente, uma produção científica, tecnológica e cultural enraizada na realidade.”

Portanto, conclui-se que a extensão universitária, quando vinculada a práticas pedagógicas inovadoras, como o uso do cinema em sala de aula, da forma como descrita nesse texto, pode desempenhar um papel crucial na formação de cidadãos críticos. A reflexão sobre a experiência aqui apresentada sugere que práticas educativas que valorizem a interdisciplinaridade e a criatividade, como a integração do cinema à pedagogia, são fundamentais para construir um ensino mais inclusivo e capaz de dialogar com as realidades diversas dos alunos. Dessa forma, iniciativas como essa apontam para a necessidade de repensar o currículo escolar, incorporando abordagens que promovam a interação entre o conhecimento acadêmico e as questões socioculturais mais amplas, reforçando o compromisso da educação com a transformação social, e inserido nisso a necessidade de pensarmos novas metodologias de ensino.

A discussão proporcionada pela disciplina de Práticas de Extensão ajudou a demonstrar que a disciplina de Sociologia a qual eles mantêm contato no ensino médio,

embora seja referida apenas tomando esse campo de conhecimento na sua nomenclatura – ‘Sociologia’, se refere na verdade ao campo das Ciências Sociais, que tem junto da já mencionada Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política, foco da atividade proposta. No mais, o que ficou evidente é a importância de desenvolver trabalhos nesse sentido, que apresentem a Ciência Política de uma forma que possam percebê-la nas suas múltiplas relações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. Coleção leitura, 5ª edição, São Paulo, Paz e Terra, 2002.

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. 1ª edição, Zahar, 1 de agosto de 1985.

ALBUQUERQUE, G. G. de. O cinema político e a politização da arte. **Entropia**, vol. 5. Nº9, pag.165–178. janeiro-junho, 2021.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e Educação: fundamentos e perspectivas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, 2017.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987,p. 165-196.

BODART, Cristiano das Neves. **Café com Sociologia**, Revista do professor e estudante de sociologia, Vol.1, ano 1, ed.1. nov. 2012.

DIAS, Érika. A educação e a escola. Pra que servem as escolas? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.31, n.120, p. 621 – 629, jul./set. 2023.

DURKHEIM, Emile. **As regras do Método Sociológico**. Universidade hoje. 9a ed. Editorial Presença. Lisboa, setembro, 2004.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 8ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária**: Para quê? Instituto Paulo Freire, 2017.

GENOVESE, C. L. De C. R. CARVALHO, W. L. P. GENOVESE, L. G. R. Os conceitos de formação e semiformação de Adorno na análise de trabalhos de conclusão de curso sobre questões sociocientíficas na graduação em pedagogia. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 25, n. 4, p. 873-891, 2019.

JUNIOR, Humberto Alves Silva. Indústria cultural e ideologia. **Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 87, p. 505-515, set./dez. 2019.

KURIYAMA, Rafael Keiji. LIMA, Alan Rodrigues. PATRIARCA, Gabriel Antonio Cabeça. Sociologia e cinema: o filme como instrumento didático. **II Seminário do PIBID**, Paraná. p. 2331-2335. Outubro, 2014.

MAZZON, V.; Spréa, N. **O fim do recreio**. YouTube, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/t0s1mGQxhAI>

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. Dossiê Ensino Superior, **Tempo social**. 15 (1), abril, 2003.

MÜLLER, Fernanda. Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 123-141, Editora UFPR, 2008.

QEDu. Portal de dados educacionais.

QUEIROZ, Clara. **Se não puder dançar, esta não é a minha revolução**. Assírio & Alvim, 5ª edição, 2008.

RESSINETI, Telma Renata. COSTA, Áurea de Carvalho. A influência da Revolução Francesa no debate sobre a educação como política pública estatal e a democratização do ensino no Brasil. **Anped Sudeste**, 2014.

SEFAZ- **Secretaria Municipal da Fazenda**, prefeitura de Maceió- AL, Mapa de Maceió: Regiões administrativas. Disponível: <https://www.participa.maceio.al.gov.br/participa-maceio/regiaoAdministrativas.faces>

SOUSA, Bruno Jorge de. **O Cinema na Escola: Aspectos Pedagógicos do Texto Cinematográfico**. Capítulo 1. Dissertação. 142p, 2005.

UFAL. **Estatuto e Regimento Geral da Universidade Federal de Alagoas**. Maceió-AL, 2006.

VASCONCELLOS, Lisa Carvalho. Walter Benjamin: rastro, aura e história. **ALEA**, Rio de Janeiro, vol. 15/1. p. 249-253. São Paulo, jan-jun 2013.

VIANA, M. C. V. ROSA, M. OREY, D. C. O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: resgate à diversidade cultural. **Ensino Em Revista**, v.21, n.1, p.137-144, jan./jun. 2014.

VIEIRA, G. C. NASCIMENTO, R. S. BITTENCOURT, L. P. Cinema e Educação: A

utilização de filmes como Ferramenta Educacional Ativa e Reflexiva. **Revista Eixos Tech**, Minas Gerais, Vol 10, n.1, 2023.

MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, semiformação e educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto 2003.